

VICTOR FRANCISCO RICARDO

# Nzoji

SONHOS

MUTILADOS



#ésobrenós  
EDITORA

©Victor Francisco Ricardo e É Sobre Nós Editora, 2022

**Título:** Nzoji - Sonhos Mutilados

**Autor:** Victor Francisco Ricardo

**Contactos para palestra, seminário e workshop**

E-mail: [vifraricardi@gmail.com](mailto:vifraricardi@gmail.com)

Instagram: @vifraricardo

Facebook: @Victor Ricardo

**Edição e paginação**

É Sobre Nós

**Design de capa**

Maltamedia

**Execução Gráfica**

É Sobre Nós

**Revisão**

Paulo Muanda

**Marketing e publicidade**

Alusapo | Julieta Nguenda

**Conselho Editorial**

Dito Benedito | Alzira Simões | Youran Mandonga

ISBN: 978-989-9133-00-6

Edição digital: Julho de 2022

---

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

Aos Sonhos das almas da periferia...

*A Zunga cumprimenta o dia*

*A sede aberta*

*E cientistas que somos*

*Inventamos todo o dia*

***In “Diário” – Victor Ricardo.***

## SOBRE O AUTOR

**VICTOR FRANCISCO RICARDO**, nascido aos 28 de Janeiro de 1989, em Luanda. Formado em Contabilidade e Auditoria pela Universidade Agostinho Neto.

Começou a escrever poemas em 2006 e em 2014 decidiu a envolver-se mais com a escrita, dedicando mais tempo a esta nobre arte, escrevendo poemas e algumas reflexões.

Em Novembro de 2019 lançou o seu livro, “Miradouro da Lua”, poesia.

Victor recebeu o certificado de mérito da Fundação Arte e Cultura, num recital onde o livro “Miradouro da Lua” foi homenageado. Em 2021 publicou o seu segundo livro com o título: Cartas à Ana Cármen.



NÃO HÁ ORVALHO que resista às pisadas matinais de quem acorde cedo. Não há galos suficientes para cantar ao amanhecer, não há beco que se diga santo, que nunca tivesse testemunhado os passos de quem tenha acordado cedo para vender, para interromper o sono e os sonhos a fim de que vivesse uma realidade trágica em cujo frio é mais frio e o calor é, por consequência, o inferno na sua essência.

Um vento passa...

Uma voz grita...

Um despertador:

— Limão!... Limão!... Limão!...

— Limão!... Limão!... Limão!...

E assim o dia começa, longe da paz, longe da cama que abraça os corpos que buscam o descanso necessário para revitalizar a alma.

Nas periferias há castelos de chapas, de lata, becos que formam labirintos e uma escuridão de cegar. Há medos dos vizinhos, olhares trocados com alegria e alguma maldade, também.

O lixo e o cheiro nauseabundo importunam a paz de quem não tenha pedido para lá viver e dançam todos os dias a mesma música cercada por uma poeira que empoeira até o pensamento mais aclarado. O paludismo então leva as almas a voar cedo de mais para a moradia do Pai Celestial.

Entre as lágrimas da zunga e as buzinas dos carrões da cidade, a fome sempre visita o bairro e às vezes demora muito para se ir embora.

O futuro do amanhã tem umas chinelas cansadas, uma pasta remendada e, ademais, tenta construir o seu futuro. Está longe de casa e vezes sem conta é raptado, violentado e acaba por

desviar-se do sonho que um dia sonhara.

— Mais um bandido morto — comenta o povo.

O tempo passava, mas a vida mantinha-se igual, aliás, as coisas só pioravam. Ela sentia-se sufocada, maltratada, sem saber o que fazer, andava pelas ruas em busca de ajuda, lutava até à exaustão. As 24 horas do dia já não eram suficientes. A sua mãe nunca sequer queria ter tido conhecimento a respeito dela, o seu pai era um vento, alguém que abusava da inocência da mãe. Não obstante, Minga tinha fé: “um dia a vida vai mudar”, acreditava ela.

Nos becos de chapa de uma periferia de Luanda, ela vivia com os filhos e um marido perdido no álcool: sem trabalho, sem nada para oferecer a uma mulher sonhadora, porém, mesmo assim, ela acreditava que as coisas, um dia, talvez pudessem ter mudado.

— Mamá, o açúcar acabou.

— Mamá, na escola pediram caderno novo e livro.

— Mamá!... Mamá!... Mamá!...

Ela olhava para o céu na busca de algum sinal, alguma resposta para colmatar aquela dor e, cansada saía a correr, muitas vezes o dia ainda nem havia clareado.

— Limão!... Limão!... Limão!...

— Limão!... Limão!... Limão!...

Entre os berros, vinham os clientes que eram atendidos apressadamente, porque os fiscais estavam à espreita para prender e, muitas vezes, para deitar o pobre negócio de uma mulher sacrificada. Eram assim os dias na cidade de Luanda, para Minga, isso já era hábito. Às vezes, nem jantar levava, se o polícia chegasse e se, igualmente, a interpelasse, tudo acabava aí mesmo e as crianças tinham que se contentar com os gritos do pai que, constantemente, ia com uma chapada e, lamentavelmente, as lágrimas da mãe, que cansada por ter fracassado, apenas se sen-

tavam num canto do quintal e ela dava de mamar ao bebé que nada tinha que ver com as crises do país em que nascera.

A vela, acesa de noite, tinha de ser bem protegida para evitar incêndios, facto que ocorria repetidas vezes, com efeito, dadas as condições precárias da região e do amontoado de trapos nas casas da zona.

O sono não era sono, as noites tinham vozes e muitos não viam o dia seguinte, a morte dava bafos e gostava de andar de madrugada com os meliantes que também não conseguiam fugir do bairro, porque ali faziam a sua história, aterrorizando a vida dos indefesos e convictos de que a polícia nunca os apanharia.

— Aqui, por mais que chames a polícia nunca vão te ouvir, aliás, eles nunca chegam, só dizem estão a caminho e nada – lamentavam as populações.

A unidade móvel, a qual estanciava no bairro, fora invadida pela vizinhança pelo facto de terem prendido um rapaz que cometia actos de vandalismo acolá, infelizmente, as forças policiais mostraram-se despreparadas para travar o avanço dos meliantes que iam em socorro do amigo.

Às vezes, Minga pensava em várias coisas ao mesmo tempo, só que a vida lhe dava tantas rasteiras que as suas forças eram poucas.

Levaram-lhe tudo, a sua inocência perdera-se muito cedo. O futuro do amanhã, hoje vagueia nas ruas, grita, vibra, corre e tem medo de gente que usa farda. As leis que foram feitas para protegê-la são as mesmas que a condenam.

— Hoje, o dia não foi bom!

— Eh! Mana, nem me fala!

— Juro memo, não vendi nada!

— Mana, vamo só.

Entre os barros da periferia, os seus pés empoeirados, quase

sem forças lutam para chegar à casa. As moedas no avental fazem um barulho de chamar a atenção. O silêncio da noite é preocupação, porque em cada esquina pode estar o vizinho que não quer saber das lutas do vizinho.

— Mana, vamos apressar-nos, essa hora já é tarde.

— Mana Minga, nem jantari comprei, hoje memo não vou dormir.

— Fale ao Joãozinho para que vá lá em casa, a Teté deve ter feito jantar.

— Está bem, mirmã.

As noites são mais escuras aqui, a falta de energia já nem incomoda. Muitos cresceram sem ver esse desejo realizado, as casas são autênticos castelos de chapa que abanam sempre que um vento agressivo as invade e quando chove, as orações são mais intensas, porque, volta e meia, a casa do vizinho fulano desabou, sempre a mesma dor, enquanto a televisão, reiteradamente, mostra políticas bonitas de serem vistas, que em nada contribuem para a vida do povo.

Mais uma manhã, ela estava lá:

— Limão!... Limão!... Limão!...

— Limão!... Limão!... Limão!...

O bebê brincava nas costas e a rua parecia calma, era Sábado e tudo o que se previa era talvez alguma manifestação, o povo estava saturado e reclamava por direitos, pelos seus direitos.

Minga cansada e com alguma sede, sentou-se junto de um passeio e começou então a amamentar a criança e aproveitava também para beber água e comer o pão que levava embrulhado no pano.

Sorria com os traços carregados, nos seus olhos, dava para ver a dor de quem acreditasse num país melhor, num melhor estilo de vida, mas que estava cansada, morta por dentro, porque

são tantas madrugadas na rua, tantos sons interrompidos e tanta tristeza por um lar que se destruía dia após dia.

Enquanto isso...

Mana Joana passava com pressa, ia zungar também e quando vira Minga sentada tece algumas palavras e avança. Não queria ter ficado à espera, já se tinha atrasado na corrida.

— Vá bem, mana — gritava Minga.

Naquele instante, Minga começa a sentir-se mal, mas, como sempre, ela não se importava, apenas tomava alguns comprimidos e continuava a sua jornada, “deve ser paludismo”, pensava.

No final do dia, quando tivesse voltado para a casa, vira o marido na rua bêbedo, tão-somente passava sem nada ter falado e fora acudir os miúdos em casa, fazendo o jantar e, por causa do mal-estar, ia recolher-se mais cedo, estava com muita febre.

De madrugada, Minga delirava devido às febres, a filha mais velha, preocupada, entra no quarto e começa a ver nas coisas da mãe a fim de que encontrasse algum comprimido para controlar a temperatura, enquanto o pai, de tão bêbedo que estava, nem se mexia.

Notando que as coisas estavam a agravar-se, Teté corre até a casa mais próxima e começa a gritar e a bater com muita força na porta.

— Tia Joana!... Tia Joana!... Por favor, a mãe não está bem!

— Como assim? Ainda aquela hora lhe passei na rua!

— A mãe não está bem! – Falava aos prantos.

Tia Joana corre rapidamente ao encontro dela e com a ajuda de um outro vizinho levam-na ao centro médico para ver o que se passava, os médicos demoraram a abrir a porta, porque tinham medo dos bandidos, uma vez que já foram assaltados por pessoas que fingiam ser pacientes. Minga só foi atendida de manhã, ficou quase 4 horas à porta do centro médico à espera.

— Esse paludismo está muito avançado! — Diziam os médicos.

A menina espera até ao meio-dia, sentada no chão, com os olhos cansados pela noite perdida e uma cabeça repleta de preocupações. Quando recebe a notícia de que era febre amarela e que a mãe não resistiu, fica incrédula.

— Ainda ontem a mamã saiu para vender! — Murmurava Teté, para ela é como se o mundo acabasse, era só uma criança.

Infelizmente é assim, a pobreza que sentimos nas periferias muitas vezes nos coloca expostos a certas situações, um simples mal-estar é ignorado e, como resultado, quase sempre temos fins destes.

Horas depois, Teté volta para a casa a fim de avisar o pai, que novamente estava na rua, pensava ele que a mulher havia saído com a filha para vender, como ocorria algumas vezes. Uma voz lá no fundo dizia:

— Papá!... Papá! — Teté chamava o pai aos soluços de tanto chorar.

Ao olhar para a filha com lágrimas nos olhos, senhor Damião deita a bebida e começa a chorar também, na verdade, ele só de olhar para a filha, começa a perceber que alguma coisa não estava bem.

Teté só tinha 13 anos e já vivia como adulta, mutilando os seus sonhos. O bairro mais uma vez deixava uma voz rouca de tanto gritar por socorro.

Em minutos a casa encheu, houve algumas trocas de palavras agressivas, porque a família não gostava da posição em que o marido colocara a esposa. Acusavam-lhe de tudo, de todos os nomes.

Mais uma vez, uma menina ficou entre as chapas e a poeira do bairro, com uma bacia na cabeça, interrompendo os sonhos e a zungar para sustentar os irmãos. O ciclo quase sempre se repe-

tia, havia um ou outro que se safava.

No meu bairro, os sonhos são de papel, de barro mesmo e evaporavam nos braços de uma poeira acolhedora, obesa de tanto saborear o lixo e numa voz cansada, as almas da periferia gritam pelas esquinas da cidade:

— Limão!... Limão!... Limão!...

— Limão!... Limão!... Limão!...

*Um dia somos estrelas  
Capas de revista  
Outro dia tudo se apaga  
E voltamos ao pó...*

*In "Temporais" – Victor Ricardo.*